

# Os 30 anos com a cara da coragem

Performances tomam as ruas na festa que passa longe dos patrocínios e do show bizz oficial

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Numa mesa do Beirute nasceram as duas comemorações mais vistosas do trigésimo aniversário de Brasília: o *Caminhão da Arte Itinerante* e o projeto *Desenhe um Verso para Brasília*. Nenhum dos dois conta com apoio do Estado. Ambos foram apoiados por sindicatos brasilienses.

O *Caminhão da Arte Itinerante* sai hoje, pela cidade, a partir das 10 da manhã, carregado de quadros, cantores e dançarinos. Os pintores Edyr Monteiro, Eloiza Gurgel, Christina Meirelles, Delei Amorim, Andréa Gomes de Mattos e Lila Sardinha vão enfeitar o veículo — cedido pelo Sindicato dos Rodoviários — com intervenções plásticas, pinturas e tecelagens. Já os cantores do Coral Asbac vão interpretar repertório retirado do disco independente, que acabam de gravar. O regente Antônio Sarazade e cantora Cristina Piedras avisam que o público, ao se aproximar do caminhão, vai ouvir só música brasileira, em especial a folclórica e regional. "Será nosso ensaio público para a festa de lançamento do disco, que acontecerá no Hospital das Artes (Associação Médica de Brasília, 913 Sul), nos dias 11, 12 e 13 de maio.

**Liga Tripa** — O músico Aldo Justo, por sua vez, avisa que o Liga Tripa, grupo de menestréis que ajudou a fundar, no final dos anos 70, vai cantar no *Caminhão*: "Será uma experiência muito próxima da nossa pois, ao longo dos últimos dez anos, as ruas e bares foram nosso palco mais freqüente".

Os dançarinos do Grupo Ambos vão, se valer a promessa de Rachel Mendes e Thelma Nascimento, "realizar performances improvisadas e inspiradas nos acontecimentos que forem se processando em torno do *Caminhão*".

— Poderemos dançar, segundo inspiração brotada de um quadro, uma música do Coral ou do Liga Tripa, ou mesmo da reação do público, que se ajuntar para ver o que está acontecendo.

Já o projeto *Desenhe um Verso para Brasília* concretiza sua proposta com menos esforços. As paredes dos bares, autarquias e escolas da cidade estão recebendo um conjunto de cinco cartazes, onde dez criadores (cinco poetas e cinco artistas plásticos) dizem em verso e traço o que sentem por Brasília.

A idéia foi materializada graças ao apoio do Sindicato dos Bancários que, com os cartazes (500 exemplares de cada um dos cinco preparados pelas duplas) presta sua homenagem ao trigésimo aniversário de Brasília. O primeiro local a receber os cartazes foi o Beirute, berço da idéia. O artista plástico Zé Nobre, um dos idealizadores do projeto, conta que "a recepção foi maravilhosa; todos os freqüentadores do Beirute quiseram levar ao menos um exemplar para casa".

**Expô ambulante** — Edyr Monteiro constata que, "pela primeira vez na história da cidade, Brasília assistirá a uma exposição "realmente itinerante". Afinal, "dentro do caminhão do Sindicato dos Rodoviários, os quadros serão expostos de forma errante".

Quando Eloiza Gurgel, Delei Amorim e Andréa Mattos tiveram a idéia de promover a exposição sobre rodas, os artistas estavam consternados com o fim de organismos como a Funarte, Embráfime e Fundacen. E mais: Marlos Nobre dirigia a FICDF em regime de divórcio radical, com a comunidade artística. "O momento era muito desesperador", diz Eloiza.



A rapaziada que pinta os anos 30 no Caminhão da Arte Itinerante: tintas e canções



## Desenhe um verso para Brasília: só às paredes confesso

"Daí que pensamos em promover exposição que circulasse num caminhão e tivesse, como ponto final, o Campo da Esperança".

— No Cemitério, promoveríamos, simbolicamente, o enterro do que restasse dos organismos de fomento cultural do Governo.

Só que novas pessoas foram se agregando ao grupo e a idéia do protesto no Cemitério foi tachada de "muito fúnebre".

A pintora Christina Meirelles conta que o grupo reavaliou o itinerário e preferiu algo mais vivo. "Achamos melhor celebrar a vida que lamentar a morte". Daí que o roteiro definitivo é o seguinte: 10h00 — encontro, na Torre, com o Grupo Udi-Grudi; 11h00 — saída para o Parque da Cidade; 13h00 — almoço coletivo no Beirute; 15h00 — saída para a entreequadra 207/208 Norte. "Até às 18h00, cremos que teremos encerrado nossas

atividades", avaliam os artistas performáticos.

**Entidade partidária** — A Associação dos Artistas Plásticos do DF não foi convocada para o agitado projeto. Edyr e Eloiza dizem que "seria interessante contar com o apoio da entidade, mas a euforia do trabalho acabou nos levando a uma ação mais solta". Andréa Gomes de Mattos diz que "a ausência da Associação é natural, já que mais que organismo agregador de uma categoria profissional, a entidade partidizou-se, transformou-se na Comissão da Cultura do PT".

Aldo Justo, com seu eterno espírito de saltimbanco, prefere enaltecer o espírito que deu origem à manifestação de artistas plásticos, músicos e dançarinos: "Este é o presente da comunidade artística à comunidade brasiliense, no dia do trigésimo aniversário da cidade. Esta é a nossa

resposta à prepotência do novo Governo, que destruiu organismos de fomento cultural".

O grupo ainda não manteve contato com o novo assessor de Artes Visuais da FICDF, Waldyr Jagmin.

O grupo tem um consenso: "Brasília precisa reativar as atividades na área das Artes Plásticas, em especial o Salão de Brasília e as galerias do Anexo do Teatro Nacional, vedadas a criação e invenção por dois anos, o prazo da gestão de Marlos Nobre". E, em uníssimo, torcem pelo fim de mentalidade que reduz as Artes Plásticas em Brasília a três ícones: "Os pioneiros Athon Bulcão, Rubem Valentim e Glênio Bianchetti".

**Versos e desenhos** — O projeto *Desenhe um Verso para Brasília* foi desenvolvido pela turma *Da Anta Casa Editora*, a mesma que coloca nas bancas a revista anarquista *Vibora*. Os responsáveis pela Editora (Zé Nobre e Cléber Lima) avisam que o projeto dos cartazes tornará a acontecer em outros momentos e circunstâncias.

O processo de criação dos cartazes nasceu de cinco versos ou frases poéticas. Cada uma foi encaminhada a um artista plástico. O resultado uniu as duplas Zé Nobre e Rênio Assis (Ah, Brasília, Teu luar sobre os escritórios/tanto céu e tanto subterrâneo); Nelson Maravilhas e João Rochael, o Gato (Brasília ufana palácios/palhaços maquiados a cal); Eloiza Gurgel e Ricardo Torres (O início do horizonte é uma ponte para o azul, Brasília branca brinca no céu, Aviãozinho de papel); Inez Woortmann e Êzio Pires (Em abril/Em Brasília/quem abre é o sol/para os bons e para os maus) e Fernando Lopes e Êzio Bazzo (Cheguei aqui/como um mendigo/sem saber que este Planalto/e esta ficção arquitetônica/eram para aumentar/ainda mais/minha indignação).